

UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO
GRANDE DO SUL – UNIJUI

DHE - DEPARTAMENTO DE HUMANIDADES E EDUCAÇÃO

CURSO DE PSICOLOGIA

LEIDIANE RADÜNZ

O ENVELHECIMENTO NA CONTEMPORANEIDADE:
SUBJETIVIDADE, CORPOREIDADE E REFLEXÕES A PARTIR DO
CAMPO PSICANALÍTICO

Santa Rosa-RS

2015

LEIDIANE RADÜNZ

O ENVELHECIMENTO NA CONTEMPORANEIDADE:
SUBJETIVIDADE, CORPOREIDADE E REFLEXÕES A PARTIR DO
CAMPO PSICANALÍTICO

Trabalho de conclusão de curso de graduação em
Psicologia apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de psicólogo da Universidade
Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do
Sul- UNIJUÍ.

Orientadora: Sílvia Cristina Segatti Colombo

Santa Rosa-RS

2015

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de conclusão de curso, com todo carinho e em especial, ao meu esposo Fábio Luís Rösch, à minha mãe, Ladi Radünz, e ainda, a todos os amigos e familiares que sempre me estimularam a realizar esta grande conquista na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Devo agradecer sempre àqueles que durante todo esse percurso de vida acadêmico, continuaram ao meu lado, torcendo pela minha conquista e meu sucesso futuro, dando-me apoio, e ao mesmo tempo, acreditando que eu sou capaz. Foram muitos períodos de dúvidas, incertezas e angústias que a vida acadêmica nos obriga a enfrentar. Desafios e esforços do dia-a-dia que só o acadêmico consegue entender. Mas hoje, teria tantas palavras otimistas para pronunciar. O mínimo que posso fazer é dizer muito obrigada, e agradecer muito a todos que me acompanharam nessa jornada.

E, primeiramente à minha família, ao Fábio, meu esposo, o qual me acompanhou no decorrer do curso e, agora, concluindo elevo também a ele minha gratidão, pela paciência e, as forças para nunca desistir do sonho.

Agradeço muito à minha mãe, por acreditar que sou capaz, e dedicar-se tanto para a realização do meu sonho, agora realizado, e inesquecível. Serei para sempre grata, sem palavras.

Em especial, aos meus animais de estimação, Fredy e Sofia, que em todos os momentos estiveram presentes, proporcionando-me tamanha alegria.

Sem esquecer minha professora Sílvia C. S. Colombo, orientadora do meu trabalho de conclusão de curso a quem sinto-me muito agradecida por toda dedicação e aprendizado, além de todos os professores que me acompanharam no percurso enquanto acadêmica.

Nesse curto espaço meu muito obrigada a todos os meus amigos e demais familiares que também apostaram em mim, e continuam torcendo pelo meu sucesso profissional. A todos, que sempre me incentivaram a continuar até o fim. E sendo longa a lista de nomes, não poderia citar todos. Que o futuro confirme todos os sonhos e os projetos de vida que sonhei. Que DEUS permita que eu não desista jamais, e acompanhe-me em toda a minha jornada de trabalho.

Obrigada.

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de refletir sobre as questões relacionadas ao envelhecimento, como um processo que se inicia logo após o nascimento, e se estende até o fim da existência do sujeito. Nesse contexto, fala-se sobre a forma como o envelhecimento se reflete na sociedade contemporânea, ou seja, quem são os velhos de hoje. São tratadas as questões do envelhecimento, considerando-se os aspectos multifatoriais envolvidos neste processo, e citados os fatores biológicos, sociais e psicológicos. Discute-se questões ligadas à corporeidade e à subjetividade do sujeito na velhice, tendo por base a teoria psicanalítica e algumas reflexões acerca dessa com o processo de envelhecimento. Enfatiza-se que, mesmo o corpo na velhice, tendo sofrido diversas modificações, o sujeito psíquico permanece o mesmo.

Palavras-chave: Velhice, Contemporaneidade, Psicanálise, Corpo, Subjetividade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I – Aspectos contemporâneos e multifatoriais acerca do idoso	8
1.1 - Envelhecimento e contemporaneidade.....	8
1.2 - O envelhecimento como um processo multifatorial.....	10
CAPÍTULO II – Corpo, subjetividade e reflexões acerca do envelhecimento no campo psicanalítico	18
2.1 - O envelhecimento à luz da psicanálise.....	18
2.2 - Envelhecimento e corporeidade.....	23
2.3 - Envelhecimento e subjetividade.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

INTRODUÇÃO

A velhice representa hoje, uma parte significativa do crescimento populacional, se considerado a nível mundial. Há um crescente número de idosos no mundo, se comparado ao número de jovens. Isso se deve aos avanços tecnológicos e científicos, que proporcionam ao idoso, maior longevidade e melhor qualidade de vida.

Nesse período da vida, o sujeito vivencia constantes transformações às quais precisa se readaptar. Essas mudanças estariam relacionadas aos processos biológicos, psicológicos e sociais. Também se depara com inúmeras questões relacionadas ao processo de castração, ao ideal narcísico, e à condição desejante, os quais são conceitos trabalhados na teoria psicanalítica.

A velhice, assim como em qualquer outra etapa da vida, devemos encarar como um processo singular, de forma que, cada sujeito irá elaborar as suas questões psíquicas de acordo com a sua subjetividade.

No primeiro capítulo do presente trabalho, irei apontar questões comparativas sobre o envelhecimento no mundo contemporâneo, considerando assim algumas diferenças entre esse e o das sociedades tradicionais. Também, serão tratadas questões de ordem biopsicossocial, ou seja, os fatores multifatoriais envolvidos nessa etapa de vida do sujeito.

No segundo capítulo, trabalharei com as questões do envelhecimento ligadas à corporeidade e à subjetividade, e de que forma, essas também podem interferir para um envelhecimento sadio ou patológico. A hipótese de que, mesmo o corpo estando envelhecido pelo seu tempo de vida cronológico, o sujeito psíquico pode continuar em uma condição desejante. É esse lugar que o sujeito idoso ocupa, como um sujeito de desejos, que o mantém na busca constante pelo prazer e a satisfação. Também serão feitas considerações acerca de alguns conceitos psicanalíticos ligados ao processo de envelhecimento e reflexões a partir destes.

1. ASPECTOS CONTEMPORÂNEOS E MULTIFATORIAIS ACERCA DO IDOSO

Neste capítulo abordam-se as questões relacionadas ao idoso, no que diz respeito ao seu contexto contemporâneo e às questões multifatoriais as quais estão envolvidas no processo de envelhecimento.

1.1 Envelhecimento e contemporaneidade

A população idosa tem aumentado gradativamente a nível mundial, nos últimos tempos. Fato esse que faz com que as pessoas se questionem a respeito do lugar em que o sujeito idoso ocupa, em nossa sociedade.

Na sociedade tradicional, o sujeito idoso na terceira idade era visto de uma forma completamente diferente da qual é considerado hoje. Naquela época, a velhice tinha tamanha importância, pois aquele que conseguia alcançar a terceira idade, demonstrava maturidade, e através dessa, o sujeito idoso era valorizado por sua experiência e sabedoria, adquiridos ao longo da vida. O idoso era aquele que tinha relatos de histórias para contar, conselhos para dar, e ainda, era muito respeitado por todos e possuía autoridade para falar, pois o seu reconhecimento era dado pela família, e era digno de um lugar, no social.

Atualmente, o sujeito idoso procura por esse lugar que o represente simbolicamente no social. O qual deixou de ser um objeto do saber e um exemplo a ser seguido. Em muitas situações, é visto apenas como algo inútil e que não produz mais. Sua experiência e sabedoria de vida não são mais imprescindíveis na sociedade contemporânea. Fato que se deve ao advento da Revolução Industrial e tecnológica, desde então, o reconhecimento do sujeito estaria ligado à produtividade.

* As expressões velhice, idoso e terceira idade são utilizadas no presente trabalho para referir-se ao sujeito em estudo.

De acordo com Beauvoir (1990), pode-se fazer uma comparação entre o número de jovens e o crescente número de idosos no mundo. A juventude tem um percentual de crescimento populacional considerado mais baixo, se comparada ao da terceira idade, como são chamados os idosos nessa faixa etária. Isso se deve à diminuição das taxas de fecundidade, ou seja, a maioria das famílias, atualmente, opta pelo controle da natalidade, com uma diminuição significativa de filhos, se comparada a algumas décadas atrás. Já, os idosos, o seu aumento populacional ocorre devido os avanços da ciência, da medicina e da tecnologia, que através da prevenção de doenças, novos medicamentos e intervenções cirúrgicas, conseqüentemente, proporcionam ao sujeito idoso um prolongamento de sua existência e uma melhor qualidade de vida. Com a ajuda desses elementos inovadores, o idoso tem um aumento do seu índice de vida, e precisa cada vez mais estar à procura de seu espaço no social.

Ao analisar o processo de envelhecimento do sujeito, é possível perceber que o mesmo se faz presente desde o seu nascimento. Ao contrário do que muitos pensam, o envelhecimento não se mostra apenas a partir da terceira idade. É um processo contínuo que se inicia desde o momento em que o sujeito prova sua existência. Este processo leva em consideração, tanto os dados fisiológicos, bem como, os fatores psicológicos, que estão unidos mutuamente, e acompanham o sujeito ao longo da vida.

Para tanto, compara-se a velhice com a relação que o sujeito teve consigo próprio ao longo do seu tempo de vida, levando em conta que, a relação desse, com a sua própria história, remete-o ao passado, e, conseqüentemente, à sua existência, como uma forma de experiência singular.

O contexto da velhice abrange diferentes fatores que fazem parte dessa trajetória, os quais citam-se: fatores biológicos, sociais e psicológicos, como será visto mais adiante.

E a idade cronológica também tem a sua importância, pois está ligada diretamente ao fator numérico de idade, a qual o sujeito apresenta desde o seu nascimento até o presente momento. Portanto, deve ser levada em conta com relação aos aspectos biológicos, socioculturais e psicológicos, considerando a sua influência.

Coloca-se em questão ainda a aposentadoria, que por vezes é vivida como um lazer, e por vezes, como um tédio, e que ocupa a vida e o tempo do sujeito. Isso acontece porque o trabalho representa tamanha importância na vida, principalmente, como forma da construção simbólica desse, no social. Frente a essas considerações, o ideal seria que o idoso aposentado encerrasse apenas as suas atividades consideradas remuneradas, se isso lhe fosse conveniente, e que se opusesse a uma renúncia da sua vida como um todo. É fundamental que o sujeito da terceira idade preencha o seu tempo com suas mais variadas ocupações, e para que isso, proporcione-lhe o devido bem-estar. Do contrário, irá preocupar-se apenas com as mais diversas formas de declínio da velhice, o que pode lhe causar tamanho desconforto e infelicidade.

1.2 O envelhecimento como um processo multifatorial

O envelhecimento é um processo normal do desenvolvimento, que envolve alterações biológicas, socioculturais e psicológicas no organismo do sujeito. Essas alterações podem ser consideradas sadias ou patológicas, de acordo com as condições em que se desenvolvem. Conforme dito, a velhice não é necessariamente um estado patológico, e pode ser apenas o resultado de um desequilíbrio entre suas diferentes funções.

A Psicologia aperfeiçoou a sua descrição sobre os fenômenos do envelhecimento apenas a partir de 1960, pois, até então, a velhice era considerada somente uma fase de declínio na existência do sujeito.

Pelo fato do envelhecimento ser considerado um processo normal, nem sempre vai estar associado a alguma doença. Importante levar em conta que o Brasil é um país da terceira idade, e por isso, a necessidade de voltar a atenção aos idosos, destacando os diversos fatores que podem estar associados a mudanças de vida significativas nesse período. Devido a isso, é fundamental que o próprio idoso, bem como, seus familiares próximos, possuam o conhecimento adequado sobre as possíveis mudanças que podem ocorrer nos termos biológicos, sociais e

psicológicos, na intenção de contribuir com métodos preventivos, e ainda, para a satisfação de uma vida saudável.

Dirigindo-se à idade no campo cronológico, pode-se mensurar a passagem do tempo decorrido desde o nascimento até o atual momento, porém, isso não significa que seja uma boa medida da função do desenvolvimento do indivíduo. Para alguns autores, como Andrews, (2000), a idade cronológica nem deveria fazer parte da identidade do sujeito, pois compreende dimensões objetivas e subjetivas.

Segundo Salgado (1982, p. 25), “a velhice é uma etapa da vida na qual em decorrência de uma alta idade cronológica ocorrem modificações de ordem bio-psico-sociais que afetam a relação do indivíduo com o meio”.

A idade biológica do ser humano compreende um processo que se inicia antes do seu nascimento e se estende até o fim da vida. Em se tratando dessas mutações biológicas, presentes nessa fase da velhice, podem-se citá-las como um processo degenerativo do corpo do sujeito, que envolve mudanças corporais aparentes, e uma diminuição de sua capacidade física e mental para a realização de atividades consideradas normais anteriormente.

O idoso apresenta modificações morfológicas e funcionais, resultantes das transformações que sofreu ao longo da vida, sendo que, nem sempre, essas são ocasionadas devido à idade cronológica em si, pois é necessário incluir ainda, outros fatores responsáveis por esse declínio, tais como as alterações imunológicas, os radicais livres, as atividades e a alimentação, que também contribuem para as mudanças no organismo.

Sendo assim, ele vivencia um declínio do seu corpo físico, que já não possui mais as mesmas características de antes. Por vezes, vem acompanhado de doenças, ou então, não representa mais a beleza da juventude. Em função disso, a velhice pode ser vista como um momento de feiura e inutilidade.

O processo de envelhecimento se apresenta de forma diferenciada para os sujeitos idosos, e tem a influência de vários processos, portanto, é considerada uma experiência heterogênea, e ao mesmo tempo, vivida de forma individual.

De acordo com Beauvoir (1990, p. 32), a medicina moderna não pretende mais atribuir uma causa ao envelhecimento biológico: ela o considera inerente ao processo da vida, do mesmo modo que o nascimento, o crescimento, a reprodução, a morte. Na sequência, Beauvoir (1990, p. 41), relata que:

enquanto o espírito conserva o equilíbrio e o vigor, consegue-se geralmente manter o sujeito em boa saúde física: esta fica prejudicada quando o moral se abate. Inversamente: se a vida fisiológica se degrada gravemente, as faculdades intelectuais são atingidas. Em todo caso, elas padecem das transformações corporais.

O envelhecimento não é experienciado da mesma forma por homens e mulheres. Do ponto de vista biológico, os homens idosos sentem-se bem quando possuem uma condição física favorável, que lhes possibilite parecer jovens, apesar de não possuírem a mesma prática de autocuidado com a saúde, como as mulheres, pelo fato de serem considerados como viris e fortes. De acordo com Neri (2007), as mulheres são mais dedicadas aos cuidados com o corpo, através da atividade física e da alimentação adequada, e ainda, pela procura dos serviços de saúde, como precaução para sua beleza e vitalidade.

Com respeito aos fatores sociais envolvidos no processo de envelhecimento, é de se destacar que a maioria dos idosos, a partir de sessenta anos, negam a sua identificação perante à sociedade, como se o velho fosse sempre o outro. Então, se ele próprio nega o seu papel no social, como fazer com que a sociedade reconheça o seu lugar? Essa questão do social será abordada mais adiante no decorrer do trabalho.

E a identificação com o trabalho possui um valor simbólico muito significativo na sociedade moderna, fator esse que, contribui para o isolamento social do mesmo, quando esse acredita não ser mais capaz de acompanhar as transformações que ocorrem no mercado de trabalho, e como consequência, acaba provocando o seu isolamento social como um todo.

Ao mesmo tempo em que a sociedade potencializa a longevidade, ela nega aos velhos o seu valor e a sua importância social. Vive-se em uma

sociedade de consumo na qual apenas o novo pode ser valorizado, caso contrário, não existe produção e acumulação de capital. Nessa dura realidade, o velho passa a ser ultrapassado, descartado, ou já está fora de moda. (IRIGARAY e SCHNEIDER, 2008, p.2).

Vários fatores socioculturais acabam por dificultar a interação social do homem. Quando estes se veem diante de cuidados femininos e atividades domésticas, as quais antes não faziam parte de sua rotina, esses indivíduos do sexo masculino, tendem a sofrer mais com o lugar social que ocupam a partir do envelhecimento. Isso se dá devido às questões socioculturais, de que o homem sempre trabalhou fora de casa para garantir o sustento da família, enquanto que, a mulher era responsável pelo cuidado com os filhos e os afazeres domésticos.

Não é raro que o homem na terceira idade se torne marginalizado devido à perda de sua condição social, pois já não faz mais parte do mundo capitalista, fator que o mantinha longe do conceito de envelhecimento. A partir disso, poderia se dizer que o universo masculino sempre esteve associado ao mundo público, do trabalho e das relações sociais, e devido a isso, surgem as dificuldades em aceitar a aposentadoria, trocando a produtividade pela inatividade.

“Uma imagem centrada na atividade e na energia pode gerar ainda nos homens que se encontram na terceira idade uma visão de incapacidade e doença”. (SOUSA e CERQUEIRA, 2006, p.69-86).

Já para as mulheres, essa última etapa da vida não teria um significado apenas de declínio, pois, devido a esses fatores socioculturais citados anteriormente, idosas do sexo feminino se distinguem do masculino quando tornam essa fase um momento de novas atividades, e não só alimentado por estigmas.

No entanto, elas, nas etapas anteriores do processo de envelhecimento, já estavam adaptadas ao domínio doméstico e privado, ocupando-se com as tarefas de casa e da família como um todo, esses afazeres sempre estiveram presentes em suas vidas, fazendo parte de seu contexto sociocultural. Por esses motivos, há mais facilidade em retornar a esses cuidados quando chega a terceira idade, abrindo espaço para os cuidados com a família e o próprio lar, além de lhes possibilitar fazer parte de um espaço social com igualdade de direitos e deveres.

Mas, para a maioria dos homens e das mulheres idosas, o trabalho é e sempre continuará sendo sinônimo de saúde e qualidade de vida, devido a essa questão cultural ligada diretamente à identidade do trabalhador, mas é importante que ambos, juntamente com seus familiares, entendam que o seu papel social precisa se adaptar de acordo com o momento em que estão vivendo.

Dessa forma, é preciso estar atento ao papel dos familiares e das instituições no que tange à vitimação do idoso, pois muitas vezes, o cuidado acaba sendo confundido com superproteção, minimizando a sua autonomia e a sua independência, tão reivindicadas em etapas anteriores da vida. (NERI e JORGE, 2006, p. 127-138).

Na questão da beleza e da juventude do corpo também torna-se relevante quando o fato é a representação social. Na atualidade, há uma forte valorização dos padrões de beleza e estética, o que acaba gerando um rebaixamento da autoestima do idoso pelo fato de não estar mais enquadrado nos padrões exigidos pela sociedade. Com esse declínio, o sujeito da terceira idade provoca em si um sofrimento que advém do corpo e do olhar do outro.

Observou-se que na sociedade atual, é presente a prática do individualismo, onde, em um mundo de competitividades, só ganha espaço, aquele que acompanha o mundo em suas inovações tecnológicas e científicas, e que, conseqüentemente, consegue correr contra o tempo para alcançar seus objetivos. Com a globalização, nos dias atuais, e as mudanças inovadoras que ocorrem todos os dias, acaba-se por valorizar apenas aquele que consegue acompanhar esses processos de evolução contínuos, dando lugar ao novo e a tudo que gera lucros no mercado capitalista.

Em função disso, o idoso é deixado de lado pela sociedade, o que interessa são as práticas rápidas e inovadoras, e não algo que represente um processo lento, ou que não produza mais, pois, a modernidade, na busca incessante em atingir seus ideais, denota uma intolerância ao antigo.

Por esses e outros motivos, a velhice é considerada uma questão de ordem pública e social, no que refere à sua participação na sociedade como um todo, tanto para fins econômicos quanto sociais.

O homem sendo um ser complexo, e da mesma forma interfere no ambiente em que vive, também sofre influências desse mesmo meio, que em consonância com essas variáveis, pode-se acelerar ou retardar o processo de envelhecimento.

As desigualdades sociais também podem ser vistas como interferências para a transformação das representações sociais do idoso, no sentido que, a partir destas, o sujeito na terceira idade pode ou não conquistar o seu lugar. Eles nas condições econômicas e financeiras favoráveis, tem suas chances aumentadas para usufruir de uma melhor qualidade de vida, enquanto que, outros, com condições financeiras inferiores e desfavoráveis, possuem menos oportunidades de se fazer representar no âmbito social.

É necessário que a sociedade reconheça o idoso não somente como alguém com idade avançada, de cabelos brancos e sem capacidade para nada, mas que este seja visto como um ser capaz de contribuir com a ordem do social, e que tenha a sua devida importância, assim como qualquer outro que esteja frequentando uma etapa da vida.

Nesse sentido, Moscovici (1981), assinala que a noção de representação social remete a:

...um conjunto de conceitos, afirmações e explicações originadas no cotidiano, no curso de comunicações interindividuais. Elas são equivalentes, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; elas podem até mesmo ser vistas como uma versão contemporânea do senso comum. (p. 181).

Todo sujeito, que se encontra em um processo de envelhecimento, busca pela construção simbólica do seu lugar quando percebe a mudança do seu papel na sociedade, e com isso, deve constituir o seu novo status social, levando-se em consideração a heterogeneidade da velhice e suas variáveis relacionadas a história individual, ao contexto histórico-cultural e a fatores genético-biológicos. É por meio desse viés que tenta-se fazer com que o idoso produza um envelhecimento ativo.

O termo envelhecimento ativo, de acordo com a World Health Organization (2005), tem o significado de uma velhice bem-sucedida, com oportunidades

otimistas no que tange à saúde, segurança e participações sociais, e desde que, esse conjunto de características lhe proporcione uma boa qualidade de vida. O envelhecimento ativo, então, estaria relacionado com o bem-estar subjetivo, a participação de programas na comunidade, a autonomia dos sujeitos e o máximo de independência possível.

Assim como os fatores biológicos e sociais são fundamentais e importantes para a constituição do sujeito na velhice, os fatores psicológicos também o são. Para tanto, é imprescindível que, além das condições biológicas e sociais, se reconheçam as condições psicológicas que, de alguma forma, poderiam atuar negativamente na sua qualidade de vida e bem-estar.

Idosos necessitam de um grande esforço adaptativo frente às inúmeras incapacidades decorrentes dessa fase, pois os desafios podem estar associados tanto à sua personalidade individual, quanto ao convívio social.

É favorável a esse processo, a otimização afetiva, não só da parte do idoso, mas também, da família e dos demais relacionamentos os quais está envolvido. Se ele sentir-se apoiado emocionalmente, vai apresentar menos dificuldades para a resolução de seus problemas, maior adaptação a eles, e conseqüentemente, produzirá uma relação harmoniosa consigo e com as pessoas próximas.

É normal que o sujeito idoso faça uma retrospectiva de sua vida, e de todos os sonhos e projetos vividos, além daqueles os quais não conseguiu alcançar, ou seja, aqueles futuros sonhados e não cumpridos. Na terceira idade, o sujeito se vê diante das perdas e ganhos que teve ao longo da vida, e esses, são relativos para cada um, pois não podem ser trabalhados como fatores generalizados, que acompanham a todos os sujeitos idosos da mesma forma, caso contrário, não seria levada em conta, a singularidade do sujeito.

Ainda com relação à experiência de vida singular do sujeito, é preciso considerar que o idoso não possui mais a mesma imagem frente ao espelho, a qual obtinha a alguns anos atrás, em decorrência da idade cronológica, e seus fatores biológicos e sociais. Para tanto, devido a essas mudanças na percepção da sua imagem frente ao espelho, verificam-se influências em seus aspectos psicológicos, quando precisam aceitar essas diferenças e conviver com elas daqui para a frente.

Mas, independente da imagem que é vista em frente ao espelho, é preciso reconhecer que ali há um sujeito.

De qualquer forma, a velhice pode ser dita como um processo multifatorial, quando é possível perceber a existência de pessoas jovens com mentes mais velhas, ou mesmo, velhos com mentes mais jovens, dispostos para encarar a velhice como apenas mais uma das fases da vida, e não somente como uma etapa que antecede a morte. Decorre então, a importância dos fatores psicológicos envolvidos ao longo da vida do sujeito até o momento da velhice.

Como forma de amenizar os efeitos indesejáveis que a velhice é capaz de lhes proporcionar, e considerando que a mesma é um processo heterogêneo e multifatorial, é desejável que se tenha um ajuste desses três principais contextos os quais o idoso está sujeito a ter que enfrentar: fatores biológicos, sociais e psicológicos.

2. CORPO, SUBJETIVIDADE E REFLEXÕES ACERCA DO ENVELHECIMENTO NO CAMPO PSICANALÍTICO

2.1 O envelhecimento à luz da psicanálise

O processo de envelhecimento sempre foi visto como algo temível aos olhos do sujeito, devido às inúmeras mudanças que ocorrem nesse momento. Frente a isso, o envelhecer é negado pela sociedade, pois, na atualidade, são valorizados apenas os “velhos joviais”, ou seja, aqueles que conseguem acompanhar as transformações do mundo moderno, e além de tudo, manter uma aparência jovem e saudável.

De acordo com Kamkhagi (2008), a mídia é a principal responsável pela insistência em manter os idosos como se fossem eternamente jovens, através de propagandas sobre produtos milagrosos que retardam ou previnem o envelhecimento. Além disso, são oferecidos os mais diversos tratamentos de estética e beleza, a fim de negar a velhice e suas caracterizações, como se fosse algo horrendo, e ainda, como se nenhum sujeito devesse atravessar essa etapa sem esses cuidados.

Tratando-se da mídia, fica fácil distinguir as diferenças entre os programas de televisão, exibidos em forma de filmes e novelas. Em tempos mais antigos, esses retratavam idosos originais, com características típicas da idade avançada, idosos considerados sem graça pela grande maioria, pois eram menos criativos, e mais acomodados em seus lares, além de não exporem tanto a sua imagem no social.

Atualmente, ao contrário do que acontecia na antiguidade, são exibidos filmes e novelas que demonstram a beleza e a juventude de idosos, e esses, são mais ativos, engraçados, informados e bem cuidados. Essas imagens, mais uma vez, revelam a necessidade do idoso em acompanhar as inovações do mundo moderno, ou senão, são deixados de lado, como sinônimo de inutilidade. Aos idosos que não

seguem as inovações do mundo contemporâneo, só lhes resta um despertencar à própria vida.

Freud (1950), faz referência à senilidade como uma degeneração de um estado de normalidade que se adquire ao envelhecer. A velhice é vista sob a perspectiva da decrepitude como um destino inexorável, associado a um movimento de finitude relacionado ao adoecer.

Em sua obra *Luto e Melancolia* (1917), Freud afirma que o ser humano passa por diversas perdas ao longo de sua existência. Essas, necessitam de novas e constantes adaptações, para que possam ser elaboradas psiquicamente pelo sujeito, e serem substituídas por novos objetos libidinais capazes de produzir o gozo e a satisfação do sujeito. Durante esse processo de luto e de perdas antigas e recentes, ainda há aquelas que estão por vir. O idoso sabe que não há mais muito a ser feito pelo futuro, pois lhes restam menos tempo de vida, e muitos desses objetos perdidos, não podem mais ser ressignificados.

Freud (1915) define o envelhecimento como sendo um período em que o sujeito desinveste a libido em seus objetos anteriormente capazes de propiciar o gozo e a satisfação. Dessa forma, a vida se empobrece, e a velhice fica marcada pelo declínio do interesse em objetos libidinais e vínculos afetivos.

E a castração simbólica tem papel central na vida do sujeito idoso. Ademais, está relacionada às inúmeras perdas e lutos consecutivos ao longo da vida. Na velhice, há uma possibilidade maior de elaboração de lutos, e isso se deve ao fato do sujeito ter atingido uma idade madura, capaz de permitir a realização dos lutos das etapas anteriores, bem como, o luto pela infância e juventude, e agora, pela própria morte.

No entanto, o sujeito idoso está submetido as mais diversas formas de castração, as quais precisa estar apto a enfrentar. Dentre essas, pode-se citar as principais, como as mudanças do esquema e da imagem corporal, adoecimentos incapacitantes, perda de poder, e aproximação do fim da existência, além de, um isolamento real e subjetivo com relação às exigências da contemporaneidade.

Como consequência dessas manifestações que acometem o idoso, esse, na maioria dos casos, desenvolve sintomas de ansiedade e depressão, e isso, faz com

que, cada vez mais, se recolha na tentativa de evitar o novo, gerando um processo de desidentificação do Eu.

Com relação ao narcisismo, são atingidos os conceitos de imagem do sujeito, e as suas pulsões de autoafirmação, e como consequência, há uma desvalorização narcísica que gera um efeito depressivo no sujeito.

As dificuldades que o sujeito encontra para conviver com essa nova imagem que aparece frente ao espelho se dá por alterações provocadas no corpo, através do processo de envelhecimento, e que, de certa forma, o aparelho psíquico é obrigado a reajustar, para uma nova identificação com seu próprio Eu.

Todo sujeito que atravessa a velhice, pode obter o sucesso, bem como, o fracasso, perante o enfrentamento de suas inúmeras castrações. Isso vai depender de como lida com essas questões. Se ainda se encontra em uma fase produtiva da velhice, onde essas perdas de objetos libidinais podem ser substituídas por outros. Caso contrário, vai se deparar com um impedimento para a realização desses lutos, e uma consequente perda da condição de sujeito desejante. Sendo assim, restaria apenas um desejo alucinatório, como condição de satisfação, o que não se produziria no real, e seria visto apenas como um refúgio da realidade.

Enfatizando-se os conceitos freudianos da teoria do envelhecimento, pode-se dizer que, para a psicanálise, o envelhecimento é um processo singular. Um fenômeno único vivenciado individualmente pelos sujeitos, mediante as singulares construções subjetivas. E pelo viés da teoria psicanalítica, os processos inconscientes são considerados atemporais, portanto, não envelhecem. Há relatos de que haveria uma aproximação da morte com a velhice, mas que não teria sentido alimentar essa aproximação, de forma que não há registros temporais no inconsciente, e portanto, o sujeito teria plenas condições de se manter como desejante até o fim de sua existência.

Sendo o inconsciente atemporal, então quando um sujeito fica velho? Para a Psicanálise, o sujeito em relação à condição desejante não envelhece. Se a velhice e a morte se fazem presentes na concepção de vida do sujeito, seja talvez por outras questões, como a idade cronológica, por exemplo, mas não as subjetivas e ligadas ao desejo.

Não é de se duvidar que as características da juventude tenham mais valor que as da maturidade no mundo em que vivemos. Segundo Messy (1993), “o velho é sempre o outro”. As dificuldades com relação à imagem que o sujeito enxerga perante o espelho, se dão pelo critério de que, na realidade, o sujeito não muda por dentro, muda apenas por fora, e são essas, as primeiras e únicas diferenças vistas e apontadas pelos outros.

Em muitos casos, o sujeito que apresenta dificuldades em lidar com as questões relacionadas à velhice, acaba direcionando sua libido objetual diretamente ao próprio eu, como acontece no narcisismo. Dessa forma, se distancia do mundo externo, dificultando ainda mais a sua socialização com o Outro. Uma possível defesa psíquica a qual o sujeito poderia se utilizar para que isso não aconteça, seriam os mecanismos sublimatórios. Esses, serviriam como forças pulsionais substitutivas, capazes de direcionar as pulsões do sujeito para outros rumos, que não esses voltados ao próprio ego.

E o idoso que se encontra na solidão, e que não tem mais contato com pessoas próximas, poderia fazer uso desses mecanismos sublimatórios, e transferir o seu interesse para, por exemplo, a leitura de livros, ouvir músicas, ou mesmo, realizar viagens. Essas, seriam algumas formas das quais o sujeito poderia desviar a sua pulsão do ego para outras direções, possibilitando o prazer e a satisfação. As saídas sublimatórias podem ser mais ou menos criativas, dependendo da subjetividade do sujeito.

Pois, o trabalho orientado pela psicanálise é fazer com que a pessoa idosa seja reconhecida como um sujeito, e não apenas, como um objeto que precisa de cuidados, ou que já tenha perdido o seu valor. Segundo Mannoni (1995), se os processos inconscientes são atemporais, isso quer dizer que o idoso não deixará de ser um sujeito desejante. Da mesma forma, tem o direito de morrer como um ser falante, buscando no Outro, esse lugar que o permita nomear-se como tal.

O significante do Outro é de tamanha importância para o sujeito, pois é nesse, que o mesmo sustenta o seu olhar e a sua voz, quando procura que este Outro o represente simbolicamente. A orientação psicanalítica restringe o seu papel em dar voz a esse velho, que é tido como um sujeito do inconsciente, e que não envelhece.

Freud (1905), acreditava que o paciente idoso teria dificuldades em dar sequência a um tratamento analítico, devido às dificuldades relacionadas à compreensão. Além do mais, naquela época, os anos vividos eram menos. Inclusive, o tratamento psicanalítico não era recomendado para maiores de cinquenta anos.

A idade dos pacientes desempenha um papel na escolha para tratamento psicanalítico, posto que, nas pessoas próximas ou acima dos cinquenta anos, costuma faltar, de um lado, a plasticidade dos processos anímicos de que depende a terapia- as pessoas idosas já não são educáveis-, e, por outro lado, o material a ser elaborado prolongaria indefinidamente a duração do tratamento. O limite etário inferior só pode ser determinado individualmente; as pessoas jovens que ainda não chegaram à puberdade são, muitas vezes, esplendidamente influenciáveis. (p. 274).

De acordo com Messy (1992), qualquer que seja a idade do paciente e do analista, estão em jogo apenas os desejos que não tem idade. O sujeito só envelheceria se acaso renunciasse aos seus desejos.

O processo de envelhecimento causa inúmeras repercussões na vida do sujeito, incluindo fortemente as idealizações narcísicas, e as diversas formas de castração as quais já foi ou ainda será submetido. Frente a essas inúmeras perdas, a pessoa idosa sente cada vez mais a sua proximidade com a morte.

É certo que o trabalho analítico não tem como intervir no curso da vida que vai em direção à morte, mas deve usar de suas habilidades interferindo no modo como o sujeito se coloca diante desse percurso. Cabe às intervenções psicanalíticas devolver ao paciente a sua capacidade de elaboração psíquica frente às situações reais que o invadem. Nesse sentido, a escuta analítica é a que possibilita ao sujeito que suas questões sejam refletidas.

Como ocorre na psicanálise de toda neurose, há dois passos prévios à qualquer elaboração possível: estabelecer o real e contrapor o desejo ao real. Na psicopatologia desta época da vida, evidentemente não contamos com longos anos para uma análise que permita grandes mudanças. Precisamos, então, reconhecer os limites de uma operação analítica nestas circunstâncias; o apropriado parece ser uma série de intervenções curtas relativas à elaboração do trauma- os aqui sistematizados ou outros não previstos- temporariamente prevalentes. (JERUSALINSKY, 1996).

2.2 Envelhecimento e corporeidade

Com o passar dos anos, sofre-se modificações corporais em decorrência da idade avançada, as quais expõem as marcas do tempo, e retratam as experiências de vida do idoso.

Mesmo a imagem corporal sendo própria de cada sujeito, há aqueles que preferem não reconhecer a sua imagem frente ao espelho. Optam em se fixar ao passado, quando a imagem refletida no espelho, era a de um corpo jovem e belo, diferente do atual. Importante situar que o corpo sofre inúmeras transformações ao longo da vida, mas que, apesar disso, o sujeito psíquico permanece o mesmo.

A imagem do corpo é própria de cada sujeito estando ligada a sua história e apresentando-se como síntese das experiências relacionais do sujeito. É eminentemente inconsciente; pois estrutura-se através da relação entre sujeitos e é nela que se inscrevem as experiências relacionais, que não são da mera ordem da necessidade, mas fundamentalmente do desejo. (GOLFARB, 1998).

As transformações fisiológicas na velhice, se referem tanto à aparência, bem como, às próprias limitações físicas corporais, quando esse não consegue mais acompanhar o ritmo de atividades às quais estava habituado.

Como falado no capítulo anterior, o processo de envelhecimento provoca mudanças relacionadas a fatores biopsicossociais. Esses, por sua vez, estão ligados diretamente ao corpo.

Levando em conta os processos biológicos, a corporeidade no envelhecimento apresenta questões que se referem a essa no real. Diz respeito a um corpo orgânico que não responde mais a esse sujeito, como anteriormente. Demonstra fraqueza e lentidão, além de inúmeras incapacidades às quais o sujeito deve enfrentar. Em muito casos, vem acompanhado de doenças típicas da idade, ou até mesmo, aquelas que nada tem a ver com essa nova etapa, mas que impossibilitam ao sujeito seguir em frente.

Diante de todas essas limitações corporais, ainda perduram aquelas relacionadas à aparência. O idoso, ao mesmo tempo em que apresenta tantas incapacidades físicas, também se depara com as questões da imagem corporal, que, conseqüentemente, vão acontecer na mesma proporção. Para tanto, a maioria dos sujeitos idosos, prefere guardar a lembrança da imagem que permanece na memória, e não aquela que se mostra no real. Diante disso, pode-se dizer que o corpo representa a consciência de uma finitude.

... é uma surpresa, um assombro, perceber-se velho. O espelho mostra o que os outros percebem, mas a pessoa reluta em aceitar a mudança em si própria. Dessa forma, velho é sempre o outro [...]. O susto que o idoso leva ao se perceber velho relaciona-se ao descompasso entre o que o espelho lhe mostra, ou seja, um corpo envelhecido, com rugas e cabelos brancos, e a vivência interna íntima, subjetiva, que tem a ver com sua história pessoal, que nem sempre está de acordo com o que os olhos veem. (BEAUVOIR, 1990, p. 35).

A representação social do corpo determina o lugar do sujeito na sociedade. Significa que, o sujeito é reconhecido no social, enquanto participante de diversas atividades, sejam elas de trabalho, família ou lazer, entre outras. As questões referentes ao trabalho, de acordo com a organização do modelo atual, organizam a vida do sujeito. Da mesma forma, o idoso passa a ocupar diferentes posições na estrutura familiar, bem como, perante a sociedade como um todo, no que tange às atividades que antes eram realizadas, e, dessas, as poucas que restaram e as outras que tiveram que ser substituídas.

Diante dessas considerações, o sujeito se ocupa de um corpo que veicula ao longo de sua vida, como forma de comunicação com o Outro. Necessita-se de um corpo real, capaz de suprir as necessidades do sujeito e suas diversas formas de interação na sociedade. Por essas e outras necessidades, é que a maioria dos sujeitos idosos contemporâneos, estão em busca de uma imagem que agrade o Outro.

Após levar-se em conta as dimensões biológicas e sociais da corporeidade do sujeito idoso, também é preciso considerar esse corpo como psíquico. O corpo também é portador de sentido, logo, ele não existe só no real, mas ainda, no campo

do imaginário e do simbólico. Nem sempre, esse corpo responde a essas três instâncias paralelamente. No caso dos idosos, dificilmente o corpo real está de acordo com aquele que o sujeito imagina ser o corpo ideal, capaz de lhe proporcionar prazer e satisfação. Como dito em outro momento, o sujeito do desejo não envelhece. Em muitos casos, a condição desejante se mostra presente, mas o corpo real não mais responde a esse desejo.

E o corpo imaginário é idealizado pelo sujeito como sendo perfeito, sem as marcas aparentes deixadas pela idade, e com características típicas de beleza e juventude, de forma que, os processos do envelhecimento não pudessem o alcançar. Esse corpo não apresenta imperfeições, nem mesmo incapacidades ou dificuldades a enfrentar.

Já, o corpo simbólico, é significado de suas representações para o sujeito que dele faz uso, no lugar e no valor que esse corpo ocupa na sociedade à qual o sujeito faz parte. As formas com que esse corpo é representado no social, e o resultado disso, no psiquismo do sujeito. No que esse corpo significa não só para a sociedade em que se vive, mas também para o próprio sujeito, protagonista de sua história, e do qual não pode se desvencilhar.

Pois, o conjunto destas três dimensões de corpo: real, imaginário e simbólico, é o que vai possibilitar ao sujeito fazer a sua própria construção identitária sobre corpo e dar-lhe um significado.

De acordo com as demais observações feitas acerca da corporeidade no envelhecimento, ainda é imprescindível que se considere a sociedade atual em que se vive. Na contemporaneidade, a sociedade capitalista divulga ofertas e propagandas com o intuito de oferecer uma melhor qualidade de vida a todas as pessoas, inclusive aos idosos. Pois, esses, por sua vez, devem permanecer sempre jovens, e viver de acordo com os padrões de estética e beleza oferecidos pela sociedade. Tudo com a intenção de manter os velhos como eternos jovens.

A sociedade capitalista atual, é marcada pela cultura da imagem. Sendo assim, o idoso precisa estar atento e manter o seu corpo dentro dos padrões exigidos pela sociedade. Aqueles que não acompanham essas leis da sociedade, acabam sendo excluídos. O corpo envelhecido é tido como impróprio perante o Outro, no

sentido de que, encontra-se inabilitado para diversas funções, e além de tudo, está fora dos requisitos que a sociedade exige. Manter uma boa aparência seria uma das opções para fazer parte de um mundo tão inovador.

Dessa forma, grande parte dos idosos hoje, se dispõem a modificar a sua imagem corporal, através de avanços médicos e tecnológicos, mesmo que, para isso, necessitem fazer altos investimentos financeiros, ou até mesmo, passar por situações de saúde delicadas e estarem expostos a diversos riscos. Isso serviria como garantia de um valor simbólico e a não desapropriação de seu lugar imaginário ideal.

A perda do corpo jovem é um dos lutos que o sujeito deve enfrentar. O sujeito idoso que não segue as regras ditas pelo mundo contemporâneo, acaba antecipando o luto de sua velhice, quando não se encontra em condições proporcionais aos padrões de beleza, estética e juventude. Nesse caso, o corpo envelhecido é causador de um mal-estar, que se faz muito presente em nossa cultura, e que atinge não somente idosos, mas a maioria da população. O sujeito, enquanto vai em busca dos avanços da ciência, da medicina e da tecnologia, estaria, de certa forma, negando o seu processo de envelhecimento.

“O corpo é, portanto o conjunto de significados daquilo que já vivemos e que estamos vivendo, e que nos situa dentro desse conjunto, sendo nossa projeção significativa mais verdadeira” (OKUMA, 2009, p. 33).

De acordo com Lacan (1998), a experiência do estágio do espelho se repete na vida do sujeito quando chega ao fim de sua existência. A primeira, acontece na criança entre os doze e os dezoito meses de vida, e é inaugural na vida desse sujeito. Esse seria o momento em que o sujeito constrói a sua realidade diante da imagem do espelho. A segunda experiência que se relaciona com o estágio do espelho, é a que se faz presente na etapa da velhice, quando há uma reedição do estágio do espelho, em que o sujeito precisa novamente reconhecer a sua imagem, desta vez, no real.

Tomando por base todas as propostas acerca da corporeidade na velhice, é possível esclarecer que, o corpo, no sujeito, é resultado de transformações

biopsicossociais, assim como, o constructo entre real, imaginário e simbólico. A partir disso, tem-se um corpo pulsional, assumido pelo sujeito, e criador de sua própria identidade.

2.3 Envelhecimento e subjetividade

A sociedade atual destaca-se como parte integrante de um mundo globalizado e inovador. Dessa forma, a população jovem encontra-se privilegiada, no sentido de poder acompanhar mais facilmente as mudanças rápidas ocorridas em nosso meio. Em contrapartida, o número de idosos tem crescido significativamente nos últimos tempos, a nível mundial. Na velhice se espera que sejam consideradas as mais variadas formas de singularidades que, possivelmente, irão se mostrar nesta etapa.

Questões relacionadas à corporeidade do sujeito na velhice já foram apresentadas neste trabalho. Essas, com a sua devida importância, encontram-se diretamente relacionadas às questões psíquicas do sujeito. A subjetividade vem demonstrar a existência de inúmeras formas de envelhecer, e isso, vai depender da singularidade de cada um. Há aqueles que irão aceitar o processo de envelhecimento, de forma a considerá-lo como normal nesta etapa da vida. Outros, vão apresentar dificuldades para enfrentar as diversas questões que se colocam neste processo de envelhecer, tanto que, vão querer permanecer eternamente jovens. Seria uma forma de negação da velhice. Mas, o sujeito, mesmo não sendo mais possuidor daquele corpo jovem e belo, que se faz presente em sua memória, em algum momento, irá perceber a curta distância que lhe resta entre este corpo velho e a sua finitude.

Mesmo após as transformações corporais ocorridas com o passar do tempo, o sujeito permanece o mesmo. Ali, existe uma historicidade que se faz presente, desde o nascimento até o exato momento. Essa história de vida deve ser preservada, por ser única de cada sujeito. Dependendo de como foram as experiências de vida, é que vai se constituir a subjetividade do sujeito idoso.

A subjetividade referida neste estudo, deve ser visualizada dentro de um contexto biopsicossocial. Como já visto, há inúmeros fatores que interferem neste ciclo da vida. Para que a velhice seja vivida de uma forma um tanto mais saudável, é de fundamental importância que se leve em conta as manifestações subjetivas que permeiam esse processo.

E as experiências de vida do sujeito estão ligadas a um tempo cronológico ao qual este pertence. Diz respeito ao passado, presente e futuro. O sujeito constrói a sua identificação egóica, e as escolhas feitas durante a vida, também irão repercutir na velhice.

Winnicott (1975), afirma que: “a afetividade se desenvolve no sujeito no início de sua vida, entre quem realiza a função materna de acolhimento. O desenvolvimento do sujeito vai compreender variações nas formas de sentir, desejar, amar, aprender e agir. Vai se formando a personalidade”. Então, além das transformações corporais e fisiológicas enfrentadas pelo sujeito ao longo de sua vida, há ainda, um estilo de vida único e singular, responsável pelo registro do sentido que o sujeito dará à sua vida. Esse estilo, que corresponde à subjetividade, é o constructo entre as percepções corporais e os vínculos sociais, ao qual o sujeito vivenciou e fez parte.

No que tange às inscrições psíquicas da fase de vida inicial do sujeito, pode-se afirmar que, essas, juntamente, com as vivências deixadas em seu psiquismo, vão permanecer inalteradas até o fim, preservando também, o seu investimento original no psiquismo.

Até o final da adolescência, é o tempo que o sujeito dispõe para a constituição de sua estrutura psíquica. Nesse percurso, o sujeito constrói e ressignifica o seu psiquismo, de forma que ocorra a instauração desta estrutura psíquica.

A pessoa idosa que durante a sua trajetória de vida obteve êxito na elaboração de suas questões psíquicas, contando com uma maior flexibilidade para a resolução de seus problemas, conseqüentemente, vai constatar que, algumas situações não podem ser modificadas na velhice. Ademais, o idoso que apresentar um ajustamento psicológico nesta faixa etária, vai aceitar com mais facilidade os sinais e as marcas que o tempo vem lhe mostrar na velhice.

A maioria dos idosos não se reconhece como velho, ou seja, nem a si mesmo, e em muitos casos, nem pelo Outro. Aos que fazem parte de uma sociedade capitalista, tornam-se adeptos ao consumismo imediato dos mais diversos produtos e serviços oferecidos pela mídia, e se posicionam de forma inferior, se comparados aos mais jovens, os quais gozam de uma tenra juventude e beleza. Esses últimos, também dispõem de mais capacidades e aptidões físicas e intelectuais. Ainda, possuem um valor simbólico significativo no âmbito social, devido às questões relacionadas ao trabalho. O idoso, como forma de preservar o seu lugar de pertencimento no social, sente-se na obrigação de acompanhar a rapidez com que tudo acontece no mundo contemporâneo, para garantir este espaço, e não perder o seu valor simbólico.

Considerando ser a velhice um mal-estar que acarreta grande parte da população idosa, acaba se tornando difícil ser velho em um momento histórico em que a velhice passou a ser uma invenção social da modernidade, e não mais, unicamente, uma etapa da vida.

A invenção do capitalismo tem forte influência sobre as condições do idoso. A sociedade capitalista clama por uma busca constante em manter-se com um corpo jovem, uma imagem bela e agradável de si, e além de tudo, um lugar privilegiado no social. Os idosos que, precisamente, encontram dificuldades para se adequar a esse novo modelo de sociedade contemporânea, conseqüentemente, irão se afastar das convivências sociais. Afinal, os traços narcísicos subjetivos são afetados nestas condições.

A própria cientificidade do mundo moderno, está de acordo em propiciar um aumento de bem-estar subjetivo, quando disponibiliza de seus mais variados produtos e soluções que servem para tamponar o processo de envelhecimento.

Enquanto a maioria da população tenta esconder os sinais que a velhice lhes proporciona, torna-se dificultosa uma negociação saudável com esse novo corpo e essa nova imagem que aparece em frente ao espelho.

De acordo com Mucida (2004), a velhice só pode ser entendida a partir de um enlaçamento particular dos três registros: real, simbólico e imaginário. Por esses motivos, a relação que se estabelece entre o corpo e a imagem do sujeito, tanto no

real ali presente, quanto o imaginário ideal, é o resultado de uma construção simbólica singular. Novamente, percebe-se a inscrição de um sujeito particular, dentro de um tempo propício, e que não é o mesmo para todos.

Segundo Beauvoir (1990), apesar do declínio biológico, o sujeito continua se desenvolvendo intelectualmente e moralmente. Portanto, a velhice não é um tempo sem sentido, e é constituída por afetos positivos e negativos, bem como qualquer uma das outras etapas da vida do sujeito. O que pode haver, é um empobrecimento afetivo se acaso o sujeito sentir-se destituído de seus valores, o que, comumente acontece, quando não é mais visto com os mesmos olhos pelo Outro.

Como suporte para tal condição, é de tamanha importância, o apoio emocional da família e das pessoas próximas desse sujeito idoso, em função dos vínculos e das afinidades afetivas que estão ali presentes, proporcionando-lhes uma melhor qualidade de vida e tornando as demais experiências da velhice como positivas.

Lembrando que, independente da interferência de quaisquer outros, as construções subjetivas vão ser sempre singulares. Esse destino singular do sujeito envolve o conjunto das experiências vividas, não só aquelas traumáticas como também, as que encontraram novas fontes substitutivas de satisfação, e conseguir enfrentar essa fase do luto pelos objetos perdidos.

O tempo tomado até a chegada da velhice, acarreta sempre situações que irão necessitar de novos e mais variados significados. Por isso, a dificuldade em se conseguir trabalhar com as questões relacionadas ao próprio envelhecimento, se caso forem comparadas à outras crises subjetivantes, que não obtiveram êxito em sua elaboração. Sobre essas crises, pode-se relacioná-las ao processo de elaboração do luto. Se este encontrou barreiras capazes de impedir a sua efetivação, é provável que o sujeito encontre maiores dificuldades para seguir em frente, pois ainda há questões psíquicas em aberto, ou seja, em processo de elaboração, às quais propiciam ao idoso uma percepção inconsciente de que o futuro reservado aos idosos é o mesmo para todos.

O luto é um processo constitutivo da subjetividade. O porquê desta afirmativa, diz respeito ao luto estar presente ao longo da vida do sujeito. São inúmeras perdas

e castrações às quais o sujeito precisa enfrentar e novamente se readaptar. Então, o luto, é relativo a um tempo de adaptação que o sujeito dispõe para a elaboração das suas perdas. O ideal seria se, mesmo frente a tantas perdas, o idoso se mantivesse sustentado pelo olhar do Outro, no sentido de uma valorização de suas diferenças.

Destaca-se ainda, a importância das satisfações substitutivas no processo de luto, de forma que o sujeito possa prosseguir em seu percurso de vida. Essas, são responsáveis pela incorporação de novos objetos pulsionais na vida do sujeito, capazes de produzir o gozo e a satisfação.

Messy (1999), acredita que a velhice diz respeito a uma certa ruptura de equilíbrio entre perdas e aquisições que, em seus efeitos subjetivos, está sobredeterminada pela posição singular do sujeito idoso: “ Podemos ser velhos, nos vemos velhos, sem nos sentirmos jamais como velhos” (p. 70).

Tendo a velhice como um processo subjetivo, composto por características individuais, e, ainda, composta por diferentes vivências e escolhas que o sujeito fez ao longo de sua existência, ainda é possível constatar que, a sua construção subjetiva, é uma questão de posição psíquica, e particular de cada sujeito.

Mannoni (1995), relata que a velhice se relaciona com a posição psíquica do sujeito, e não, em um sentido cronológico. Dessa forma, quis dizer que vão haver “velhos jovens”, ou mesmo, “ jovens velhos”. Como exemplo, cita-se um sujeito com uma idade cronológica avançada, de noventa anos, mas com disposição para realizar as mesmas atividades antes realizadas, quando tinha apenas vinte anos. Ou ainda, um jovem na faixa etária dos vinte anos, mas com pouca disposição para grande parte das atividades, sendo comparado então, a um idoso de noventa anos.

Jerusalinsky (1996), sugere que, em dado momento, o real é tão aparente que não há mais como encobri-lo. E tudo isso, influencia a subjetividade. Tanto que, para ele, algumas dessas situações adquirem caráter traumático, a ponto de serem responsáveis por uma neurose do envelhecimento. Trata-se das chamadas crises subjetivantes, já vistas em outro momento deste estudo.

Logo, no que tange à questão do não envelhecimento do desejo, o quanto é importante refletir que, o sujeito, mesmo possuindo um corpo real que não responda mais às suas satisfações, ainda conta com as possibilidades subjetivas para

enfrentar essa realidade, e ao mesmo tempo, sustenta a sua realidade psíquica articulada à sua posição desejante.

Frente a tantas projeções a respeito da velhice, é possível perceber ainda, o quanto os idosos continuam sendo objetalizados em nosso meio de convivência. Encontram-se fragilizados e dependentes, sendo tratados como meros objetos de cuidados. Até então, só é levada em consideração a saúde física, ou seja, o corpo orgânico, no real. Se a pessoa idosa não é vista como um sujeito, também não possui voz própria. Assim, estão sendo assujeitados ao Outro, e ao mesmo tempo, são excluídas as possibilidades de ser um desejo no desejo do Outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de envelhecimento do sujeito é algo particular da sua história de vida. O mesmo, envelhece à sua maneira, de acordo com suas questões subjetivas e o contexto social ao qual está inserido.

A psicanálise, trata de um inconsciente que é atemporal, e dessa forma, vem demonstrar o quanto os processos inconscientes influenciam na posição psíquica que o sujeito ocupa, independente de sua idade cronológica.

Não há como negar um sujeito em processo de envelhecer, se forem analisadas as marcas do tempo, deixadas visivelmente em seu corpo e sua aparência. Mas não se trata apenas de um sujeito biológico, e sim, de um sujeito psíquico, que se encontra ali presente, e vai permanecer até o fim de sua existência. Esse, continua revestido de um corpo pulsional, um corpo de desejos, e essa, é a condição que o mantém como um sujeito desejante, capaz de alcançar o gozo e a satisfação, enquanto sujeito psíquico.

Percebe-se que são poucos os teóricos que se dedicam à escrita de trabalhos sobre o envelhecimento. O fato é que esse tema se refere aos limites do próprio sujeito. Talvez, por isso, seja tão delicada tal pesquisa. Afinal, o sujeito que escreve, sabe que, certo dia, terá que se deparar com as suas próprias questões do envelhecer.

É muito fácil falar de velhice quando se refere ao outro, e não a si próprio. Pois, é nesse tempo que surgem questões relacionadas ao passado, presente e ao futuro não muito distante do sujeito. Então o idoso acaba rememorando situações antigas, as quais pode ter obtido êxito ou não. E essas, retornam nessa etapa, juntamente com as questões atuais, que também necessitam de uma elaboração psíquica. Ainda, existem as situações futuras, que, de certo modo, mesmo restando menos tempo de vida do que antes, elas vão surgir, quase sempre, de forma inesperada.

E a maioria deles, atualmente, tenta mascarar a velhice por meio de tecnologias que consigam atenuar as suas marcas e melhore a sua aparência, ao mesmo tempo em que, proporcionam um aumento da expectativa de vida do sujeito.

Por vezes, o idoso antecipa um de seus lutos. O luto de sua própria vida. Não é mais possível trabalhar somente com as lembranças agradáveis da memória. O real está aparente. E vem para mostrar o fim da existência do sujeito.

Cabe à Psicologia, enquanto ciência e profissão, acolher o indivíduo em suas questões psíquicas subjetivas, como forma de contribuir para o tratamento e elaboração destas.

A teoria psicanalítica, enquanto uma das teorias abordadas pela Psicologia, e como proposta de estudo para este trabalho, acompanha o sujeito neste processo ao longo de sua vida. A Psicanálise, com base em sua cientificidade, estuda e trabalha com as questões psíquicas do sujeito do inconsciente, e entra em cena para fazer com que o sujeito compreenda o seu sofrimento e possa trabalhar com este de forma mais prazerosa, seja por meio da aceitação, ou ainda, pela possibilidade de novos caminhos a serem seguidos.

O trabalho do psicólogo pode se dar tanto de forma individual quanto grupal. Independente da metodologia utilizada para a sua efetividade, importa a possibilidade da fala do paciente sobre o seu sintoma que lhe incomoda e que o impede de obter o gôzo.

Sendo assim, considera-se a velhice como qualquer outra etapa da vida. O sujeito traz para a análise as suas questões singulares, que merecem total atenção. Esse sujeito idoso, apesar de possuir um corpo modificado pelas marcas do tempo, continua sendo um sujeito de desejo. O reconhecimento dessa condição desejante deve partir não só do próprio paciente, como também do profissional da Psicologia.

Com base nesses pressupostos, a Psicologia apresenta diversas formas de trabalho que são capazes de melhorar a qualidade de vida do idoso e sustentá-la enquanto profissão. Percebe-se o quanto é importante o papel do psicólogo, como forma de viabilizar a construção simbólica do lugar que o idoso ocupa em nossa sociedade. E, por intermédio dessa, propiciar um espaço para o acolhimento e a fala

desse sujeito que envelhece, e que, ao mesmo tempo, não envelhece, possibilitando a elaboração de suas questões psíquicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREWS, M. (2000). Ageful ans proud. *Ageing and Society*, 20(6), 791-795.(texto traduzido para o idioma português).

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1990.

FREUD, S. (1905). **Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1972. V. VII.

_____. (1915). **As pulsões e suas vicissitudes**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. V. XIV.

_____. (1917). **Luto e melancolia**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. V. XIV.

_____(1950 [1892- 1899]). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. ESB. Vol. XII.

GOLDFARB, D. C(1998) **Corpo, Tempo e Envelhecimento**. Casa do Psicólogo, São Paulo. In: DELALIBERA, M. A. **A imagem do corpo e a angústia do corpo no envelhecer e no morrer**. Disponível em: <http://www.diariodeumadismorfia.com.br/blog/wp-content/uploads/2012/10/A-imagem-do-corpo-e-a-ang%C3%BAstia-sobre-o-corpo-no-envelhecer-e-no-morrer.pdf> Acesso em: 06 de mai. de 2015.

IRIGARAY, T.Q. e SCHNEIDER, R.H. (2008). Participação de idosas em uma universidade da terceira idade: motivos e mudanças ocorridas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(2). Brasília (DF).

JERUSALINSKI, Alfredo. Psicologia do envelhecimento. **Correio da APPOA**. Porto Alegre, n. 42, dezembro 1996.

KAMKHAGI, Dorli. **Psicanálise e velhice**: sobre a clínica do envelhecer. São Paulo: Via Lettera, 2008.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Traduzido por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MANNONI, Maud. **O nomeável e o inominável**: A última palavra da vida. Editor: Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1995.

MESSY, J. **A pessoa idosa não existe**: uma abordagem psicanalítica da velhice. 2. ed. São Paulo: Aleph,1992.

MOSCOVICI, S. (1981). On social representations. Em J.P. Forgas(Org.), *Social cognition. Perspectives on everyday understanding* (pp.181-209). New York: Academic Press. (texto traduzido para o idioma português).

MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NERI, A.L. Feminização da velhice. In: Neri AL, organizadora. Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; 2007.

NERI, A.L., e JORGE, M.D. (2006). Atitudes e conhecimentos em relação à velhice em estudantes de educação e saúde: subsídios ao planejamento curricular. Estudos de Psicologia, 23(2), 127-138.

OKUMA, S. S. *Porque e como avaliar o idosos*. In: MATSUDO (org.). Avaliação do idoso: física e funcional. Londrina: Midiograf, 2004. p. 19 -22.

SALGADO, M. A. Velhice, uma nova questão social. 2. ed. São Paulo: Hamburg SESC-CETI, 1982.

SOUSA, L., e CERQUEIRA, M. (2006). Influência do gênero nas imagens da velhice. Revista Kairós,(2),69-86.

WINNICOT, D. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WORLD WEALTH ORGANIZATION - WHO. (2005). **Envelhecimento ativo: Uma política de saúde** (S. Gontijo, Trad.). Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde.